

ANTICOMUNISMO E GRAMSCISMO CULTURAL NO BRASIL

ANTICOMUNISM AND CULTURAL GRAMSCISM IN BRAZIL

Marília Gabriella Machado¹

Juliana Colevati²

Resumo: O capitalismo enfrenta mais um momento de crise orgânica e de crise da hegemonia liberal. A onda da extrema direita que abate o mundo e a classe trabalhadora é visível em diversos países do globo. Com o objetivo de analisar o anticomunismo e o gramscismo cultural no Brasil, este artigo se debruçará essencialmente em textos de Olavo de Carvalho, o autoproclamado filósofo que mais deturpou a teoria gramsciana em nosso país. O texto aborda o anticomunismo brasileiro no catolicismo, no liberalismo e no nacionalismo e, como finalização, compreende o gramscismo cultural enquanto uma forma de ideologia distorcida da extrema direita, além de ser a nova roupagem do discurso anticomunista, mas, que contém nas entrelinhas um projeto de nação já em curso.

Palavras-chave: Anticomunismo. Gramscismo cultural. Gramsci.

Abstract: Capitalism faces yet another moment of organic crisis and crisis of liberal hegemony. The wave of the extreme right that is slaughtering the world and the working class is visible in several countries around the globe. In order to analyze anti-communism and cultural Gramscism in Brazil, this article will focus mainly on texts by Olavo de Carvalho, the self-proclaimed philosopher who most distorted the Gramscian theory in our country. The text addresses Brazilian anti-communism in Catholicism, liberalism and nationalism and, as a conclusion, it comprehends cultural gramscism as a form of distorted ideology of the extreme right, in addition to being the new guise of anti-communist discourse, but which contains between the lines a nation project already underway.

Keywords: Anticomunism. Cultural Gramscism. Gramsci.

¹ Doutoranda em Ciências Sociais (UNESP/FFC) com a pesquisa Gramsci e o primeiro antifascismo (1919-1926), com orientação do Prof. Dr. Marcos Del Roio. Em 2018 publicou o livro *Conselhos de Fábrica e Partido no Jovem Gramsci: A relação entre os Conselhos de Fábrica, o Partido e o Sindicato (1911-1921)*, Editora NEA, 2018, 115p. No mestrado, em 2020, desenvolveu a dissertação *Conselhos de Fábrica e Democracia Operária em Gramsci (1919-1920)*. É membro da IGS-BR e da Rede Latino Americana y Caribeña de Estudios Gramscianos. Tem como principais temas de estudo a teoria política de Gramsci (1911-1926), a teoria política de Amadeo Bordiga (1911-1926), Mussolini e fascismo, bem como o antifascismo na Itália entre 1919-1926. email: gabriella.borgesmachado@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1690-9983>

² Mestranda em Ciências Sociais (UNESP/FFC) com a pesquisa A imprensa e a Crise no Governo Vargas, com orientação do Prof. Dr. Francisco Luiz Corsi. E-mail: julianacolevati@live.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6755-8506>

<https://doi.org/10.36311/1982-8004.2021.v14esp.p23-34>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

INTRODUÇÃO

“Anda um espectro pela Europa – o espectro do comunismo. Todos os poderes da velha Europa se aliam para uma santa caçada a este espectro, o papa e o tsar, Matternich e Guizot, radicais franceses e polícias alemãs” (MARX, 1987, p. 35). Após tantos anos de publicação do *Manifesto Comunista* (1848), o Brasil vive situação semelhante à descrita por Marx. No entanto, há mudanças pontuais na realidade concreta, pois o Brasil não vive “a ameaça do comunismo”³ como tantos intelectuais orgânicos do Capital querem que acreditemos e sejamos temerosos. Ainda assim, os diversos setores da burguesia e da pequena burguesia brasileira se unem em torno de um interesse comum para derrotar a classe trabalhadora.

Como imaginara Karl Marx, o comunismo foi efetivamente um espectro rondando a sociedade capitalista. No entanto, embora tal afirmação tenha sido feita em meados do século XIX, ela se aplica melhor ao século atual, quando o “fantasma” adquiriu um poder sem precedentes de amedrontar os setores mais conservadores da sociedade (MOTTA, 2000, p. 05).

O discurso de determinados grupos em torno do Governo de Jair Bolsonaro (2018-2022) é de que o Brasil vive uma guerra cultural e que isto é influência direta do comunista Antonio Gramsci. Muitas vezes ridicularizado e com sua teoria virada ao avesso para servir aos interesses da classe dominante e da hegemonia burguesa, Gramsci tem sido utilizado como um pensador que elaborou um projeto de lavagem cerebral por meio da estratégia da revolução cultural gramscista⁴.

Desde sua juventude e chegada à Universidade em Turim (1911), Gramsci elaborava um projeto revolucionário para que as classes subalternas construíssem uma nova forma de pensarem, de trabalharem, de se educarem e, finalmente, um novo Estado que correspondesse às necessidades da classe operária. Contudo, não é dessa maneira que alguns intelectuais orgânicos do Capital e gurus irracionistas colocam para a população a teoria política gramsciana. Compreendem, mesmo com suas particularidades de termos, que Gramsci não tivera um projeto, mas um “empreendimento gramsciano de devastação cultural” que engloba a destruição de uma

³ Classifico-os como intelectuais organicamente ligados aos interesses do Capital, pois independente da diversidade nos discursos proferidos no Brasil (nacionalistas, conservadores, entreguistas, reacionários, monarquistas, antipetistas, lavajatistas), tratam-se essencialmente de estratos da burguesia brasileira e da classe dominante que buscam encontrar um eixo comum em torno da ideologia do capital e do neoliberalismo. Dentre os que exprimem maior importância no Brasil, em termos do anticunismo e da teoria conspiratória do gramscismo cultural, estão Heitor de Paola, Sérgio Augusto de Avellar Coutinho e Olavo de Carvalho, Dom Sigaudo Geraldo Proença. Internacionalmente, pode ser visto Steve Bannon. Estes seriam alguns dos “influenciadores”, principalmente Steve Bannon e Olavo de Carvalho, da extrema direita mundial.

⁴ Gramsci não fomentou uma estratégia de revolução gramscista e/ou de lavagem cerebral. Cabe ressaltar que essa é uma teoria da conspiração e que este artigo não discutirá esse aspecto, mas como tem sido utilizada ideologicamente como instrumento de medo/pânico enquanto Bolsonaro é presidente.

cultura própria do país, da educação, das instituições, da escola, das Universidades, da família e principalmente do Estado burguês (CARVALHO, 2014, p. 17).

Gramsci é considerado um dos principais autores da Segunda Refundação Comunista, ao lado de Lukács e Rosa Luxemburg. O comunista italiano se filiou ao Partido Socialista Italiano (PSI) em meados de 1913, mas desde 1911 já estreitava contato e militância com os operários de Turim. De certa maneira, aos poucos foi se aproximando da teoria de Rosa Luxemburg, Sorel e Lenin. A experiência de 1919-1920, de ocupação das fábricas durante a revolução socialista italiana, muito contou para sua formação/elaboração teórico-prática. Mas, foi em 1926 que Gramsci teve, pela segunda vez, sua prisão decretada pela ditadura fascista de Benito Mussolini. Anos mais tarde, começou a escrever alguns textos que conhecemos como *Quaderni del Carcere* (1977) e faleceu dias após ser solto (1937). O militante comunista ficou conhecido no mundo inteiro. No Brasil, seus textos começam a serem lidos e publicados a partir dos anos 1970, em que pesquisadores de diversas Universidades, militantes e movimentos sociais passaram a se debruçar em torno da teoria gramsciana para traduzir alguns aspectos do Brasil.

No entanto, a conjuntura atual se concretiza com inúmeros ataques à Gramsci. Interessa-nos, portanto, compreender como esse autor se tornou um clássico para a extrema direita elaborar um projeto de poder e de controle – até mesmo de terror – no Brasil, o que torna essencial nos debruçar sobre o anticomunismo em nosso país, o marxismo cultural e, por fim, o gramscismo cultural enquanto uma ideologia que analisa a realidade de maneira distorcida, mas que contribui para a formação/consolidação de poder de um grupo social determinado.

BREVES NOTAS SOBRE O ANTICOMUNISMO

Demarcados pela ausência de um projeto burguês hegemônico, o país viveu intensos períodos de controle do poder estatal contra as camadas populares que “podem ser encontrados” em “projetos tão díspares quanto o fascismo e o socialismo democrático, ou como catolicismo e liberalismo”, em diferenças que se fazem presentes na tática de combate ao comunismo (MOTTA, 2000, p. 04).⁵

Nesse sentido, é possível compreender que um dos elementos que faz a burguesia se unir – ainda que não homogeneamente devido seus interesses particulares – é a luta contrária a organização popular que trouxe/traz como fundamento, algumas vezes, o marxismo.

⁵ A questão sobre o anticomunismo brasileiro é de grande extensão e o debate sobre o tema pode ser encontrado em diversos autores, documentários, artigos, dissertações, teses e livros. Rodrigo Patto Sá Motta foi escolhido como a principal bibliografia por tratar o tema nas diversas frentes – que mais interessam a este trabalho: econômica, histórica, cultural, política e social.

Muitas são as vertentes anticomunistas que podem ser encontradas/estudadas no Brasil e no mundo, mas elas possuem o objetivo principal de combater qualquer coisa que as ameace, sendo ou não sendo um processo revolucionário, de forma que se organiza para o combate, seja ele no campo das ideias, moral, ético ou no combate físico, como visto principalmente durante a ditadura civil-militar de 1964.

A definição de anticomunismo está relacionada com a luta, pela palavra ou ação, de grupos ou indivíduos que lutam contra o comunismo. Em termos gerais, Motta compreende como comunismo “a síntese marxista-leninista originadora do bolchevismo e do modelo soviético.” (MOTTA, 2000, p. 04). Desde a Revolução Bolchevique (1917), que foi de grande influência para que o proletariado em nível internacional se organizasse para fazer outras revoluções, o discurso anticomunista surgiu em termos práticos, principalmente no contexto do pós-Guerra quando “o entusiasmo e a esperança dos revolucionários somados à crise da sociedade liberal” os fizeram aderir as ideias comunistas. Contudo,

O que para algumas pessoas era a concretização de um sonho dourado, para outras era um pesadelo tomando formas reais. O comunismo despertou paixões intensas e opostas: de um lado, o dos defensores, encaravam-no como revolução libertadora e humanitária, que abriria acesso ao progresso econômico e social; de outro ponto de vista, o dos detratores, viam-no como uma desgraça total, a destruição da boa sociedade e a emergência do caos social e do terror político (MOTTA, 2000, p. 05).

Segundo Losurdo (2015, p.203), no quadro global, quando há presenças revolucionárias, são criadas tendências contraditórias que possuem o caráter de restauração da ordem estabelecida anteriormente. Essas tendências contraditórias também podem ser observadas no Brasil em diferentes momentos históricos: durante os anos de 1930, com a Era Vargas, a partir dos anos de 1964, com o Golpe Militar e, precisamente, após os governos do Partido dos Trabalhadores (PT), com o governo Bolsonaro.

Uma das semelhanças que pode ser traçada é a movimentação das classes subalternas, na luta por direitos anterior a Era Vargas, na luta pela construção da revolução brasileira, antes do Golpe de 64 e na luta por direitos e melhorias durante o governo Dilma Rousseff, principalmente com as Jornadas de Junho (2013).

Nesse cenário, é possível denotar que desde a influência da União Soviética, “os Estados Unidos se propuseram a desempenhar o papel de principal fortaleza anticomunista” no mundo “ocupando posição de coordenação na guerra contra o “perigo vermelho”, postura que derivava tanto de compromissos ideológicos quanto de interesses geoestratégicos e econômicos” (COSTA, 2019, p. 08). Já em 1917, ao enviarem tropas para combater e conter a expansão da Revolução Bolchevique, os Estados Unidos criaram a Lei *Espionage Act*.

Esta lei marca o início daquilo que ficou conhecido como o primeiro *red scare*⁶. Em 1918, por exemplo, foi aprovada uma nova lei, o *Smith Act*, que autorizava todo tipo de violências contra as organizações dos trabalhadores e, sob as ordens do Procurador Geral da República, um certo Palmer, foram realizadas batidas (que ficaram conhecidas como *Palmer Raids*), prisões, deportações etc.. A literatura a respeito deste primeiro *red scare* dá o ano de 1921 como o do seu encerramento oficial, mas um fato histórico muito posterior – a execução de Sacco e Vanzetti no dia 23 de agosto de 1927 – é o verdadeiro ponto final desta campanha (COSTA, 2019, p. 08).

Segundo Iná Costa, o *red scare* pode ser traduzido como pânico vermelho por se tratar de uma guerra declarada e de campanha midiática que promovia o ódio e o medo aos comunistas. A segunda edição da ofensiva burguesa americana, que já contava com atos de violência contrários à organização de trabalhadores no país, foi desencadeada na metade dos anos de 1930 e atravessou os anos 60. O conceito que pode ser utilizado é o macarthismo na luta contra “a infiltração comunista na administração pública, no sistema educacional e na indústria cultural” (COSTA, 2019, p. 09).

Com finalidade de conter o perigo do comunismo os Estados Unidos reuniu “em torno de si os países do “mundo livre””, de forma que “a guerra fria produziu a intensificação do anticomunismo, pois o Estado norte-americano empenhou o peso de seu poder e riqueza na sustentação aos grupos” que estivessem “dispostos a enfrentar o “inimigo comunista”, oferecendo-lhes suporte ideológico, político e material” (COSTA, 2019, p. 06-10).

O anticomunismo reemergiu nos anos de 1945, com a fundação do *America First Party* – que foi slogan na campanha de Donald Trump -. Dessa forma, palavras como marxismo, socialismo e comunismo se tornaram tabus datadas a partir do início da Guerra Fria, mas que retornam nos dias atuais e atingem diversos grupos da sociedade.

OS CATÓLICOS, NACIONALISTAS E LIBERAIS ANTICOMUNISTAS NO BRASIL

O anticomunismo pode ser tratado de maneira pluralista, como anticomunismos, pois se trata de “um corpo homogêneo, uma frente” que reúne “grupos políticos e projetos diversos”, cujo ponto de união é “a recusa ao comunismo”. Entre estes grupos também pode ser encontrada parte da esquerda que se afirma como não-comunista ao denunciar “os resultados políticos do bolchevismo” e do stalinismo. (MOTTA, 2000, p. 32). Dentre os grupos anticomunistas podem ser destacadas estratos do catolicismo, dos nacionalistas e dos liberais como os mais expressivos. Mas,

⁶ Embora possamos traduzir a expressão por “pânico vermelho”, é importante registrar que se tratou de guerra declarada e campanha midiática para promover o medo e o ódio aos comunistas, de preferência militante e fanático.

devido à nova formação de poder das Igrejas neopentecostais poderíamos atribuir a ideologia anticomunista em algumas vertentes atuantes na política brasileira.

Ao longo do século XX a Igreja Católica se constituiu como uma das frentes mais empenhadas na luta contra os comunistas. Segundo as lideranças católicas, “o comunismo era um inimigo irreconciliável da Igreja, um desafio à sobrevivência da religião ao qual só podiam responder com luta”. Um dos pressupostos anticomunistas está nos questionamentos e na crítica, por parte dos “comunistas”, nos “fundamentos das instituições religiosas”, pois o “comunismo não se restringiria a um programa de revolução social e econômica”, mas em uma “filosofia” que “concorria com a religião em termos de fornecer uma explicação para o mundo e uma escala de valores, ou seja, uma moral”. Dessa forma, o comunismo “se opunha aos postulados básicos do catolicismo: negava a existência de Deus e professava o materialismo ateu (...)” (MOTTA, 2000, p. 36).

Outro exemplo do autor é a relação entre o pensamento nacionalista brasileiro e a ideologia anticomunista que “tem origem remota em modelos conservadores elaborados no século XIX”. Os nacionalistas se fundamentam na “visão da nação como conjunto orgânico, unidade superior a qualquer conflito social”. Enquanto nacionalismo conservador, os grupos buscam enfatizar “a defesa da ordem, da tradição, da integração e da centralização contra as forças centrífugas da desordem”. Para tanto, a nação passa a ser compreendida como algo “formado pelo povo brasileiro unido ao território e ao Estado” que seria “intocável” e “mereceria a aura de objeto sagrado”. Dessa forma, “os comunistas seriam elementos deletérios, pois instigavam a divisão e a própria destruição do corpo nacional”, pois “insuflavam o ódio entre as classes” (MOTTA, 2000, p. 50).

Já os liberais “recusavam (recusam) o comunismo por entender que ele atentava contra os dois postulados referidos, por um lado sufocando a liberdade e praticando o autoritarismo político”, além de “destruir o direito à propriedade, na medida em que desapossava os particulares de seus bens e os estatizava”. Nesse sentido, predominou na retórica liberal uma preocupação com a prática democrática e a crítica ao comunismo estava restrita às formulações sobre o que chamavam de ditadura soviética, de maneira que enxergavam a União Soviética como um regime de completa falta de liberdade “como se tivéssemos aqui um idílio republicano”. (MOTTA, 2000, p. 60-61).

Em geral, as vertentes que consolidaram a ideologia anticomunista no Brasil fizeram uso de imagens, propagandas e discursos com a finalidade de amedrontar, controlar e conquistar a população. Uma das temáticas trabalhadas por Rodrigo Motta (2000) é a questão do imaginário anticomunista que ganhou grande importância - e possui até os dias de hoje – para o controle de certos grupos políticos.

O anticomunismo possui um imaginário próprio que aponta aspectos negativos da teoria e da prática comunista com a finalidade de convencer a sociedade da necessidade de não apenas refutar, mas de combater o comunismo. Dentre as diversas identificações com figuras de animais, doenças, morte e sofrimento, a mais emblemática é sua associação com o demônio – criada pela Igreja Católica.

Por anos, a mídia brasileira acusava os comunistas a “traçarem “planos diabólicos”, de possuírem “astúcia diabólica” e “arte diabólica”, de utilizarem “artifícios diabólicos”, criando vínculos com os “revolucionários e as forças do mal””. (MOTTA, 2000, p. 71-75).

Além de representarem o mal, os comunistas estariam ao lado crime e do pecado, da corrupção e da mentira, de assassinatos e de pessoas cínicas. Mesmo anos mais tarde, passado o período de ditadura militar no Brasil, o discurso anticomunista ressurgiria com nova roupagem: o discurso do marxismo cultural e do gramscismo cultural com características semelhantes ao discurso ditatorial, mas agora o alvo seria, de certa maneira, a própria “democracia popular” do PT e as pesquisas na Universidade.

GRAMSCISMO CULTURAL E OLAVO DE CARVALHO

O Partido dos Trabalhadores foi acusado diversas vezes de possuir um projeto gramsciano de revolução popular devido suas políticas assistencialistas e reformistas. O PT seria o grande responsável por disseminar uma cultura revolucionária que aumentou significativamente a criminalidade – pois, segundo Olavo de Carvalho, o Partido está ligado ao comunismo, além de manter relações com facções criminosas – e principalmente por “após ter seguido cegamente as formulações de Gramsci” (CARVALHO, 2014, p. 170) e

seguindo a lição de Hitler, não se dá sequer o trabalho de ocultar o que pretende fazer: anuncia seus planos abertamente, contando com a certeza de que o *wishfulthinking* popular dará às suas palavras um sentido atenuado e inocente, sem enxergar qualquer periculosidade mesmo nas ameaças mais explícitas. Afinal, quanto mais assoberbado de males se encontra um povo, mais ansioso fica de crer em alguma coisa e menos disposto a encarar com realismo a iminência de males ainda maiores. Nessas horas, a maneira mais segura de ocultar uma intenção maligna é proclamá-la cinicamente, para que, tomada como inverossímil em seu sentido literal, seja interpretada metaforicamente e aceita por todos com aquela benevolência compulsiva que nasce do medo de ter medo. Quando Hitler prometeu dar um fim aos judeus, também foi interpretado em sentido metafórico (CARVALHO, 2014, p. 170).

O autoproclamado filósofo formula essas acusações – incabíveis a qualquer estudioso da teoria política do socialismo, ou a qualquer leitor de Gramsci ou

analítico do governo PT e da realidade brasileira – e se baseia, principalmente e de modo distorcido, nos *Cadernos do Cárcere*. Sem método e/ou análise científica, resta apenas ódio e teorias da conspiração nos textos de Olavo de Carvalho. Em seus textos e livro do militar Sérgio Augusto de Avellar Coutinho é possível notar a ausência de citações bibliográficas e a falta de um método de análise. É possível verificar a falta de cientificidade na exposição, de maneira que restam apenas algumas alternativas: o teor ideológico, a necessidade de controle e poder sobre as massas, o discurso religioso e o deslocamento com o empírico e com o objeto de leitura.

No entanto, as abstrações de Olavo de Carvalho⁷ influenciaram e influenciam a política brasileira nos últimos dois anos. A onda verde e amarela da burguesia e da pequena burguesia brasileira, após o golpe parlamentar contra a presidente Dilma Rousseff, fez com que a relação de forças no Brasil abrisse um campo de disputa para os movimentos de direita e de extrema direita.

Amparados no discurso da anticorrupção e no sentimento/imaginário anticomunista estes senhores – direta ou indiretamente – ocupam hoje o poder do Estado e consolidam um projeto de nação, em grande parte, de aceleração do capital, mas com elementos de grande reacionarismo! É possível verificar que suas ideologias influenciam diretamente as atuais decisões sobre o Estado, de maneira que norteiam, por trás dos bastidores, parte do cenário brasileiro.

Além do discurso de liberdade econômica, de liberdade de expressão, do politicamente incorreto e de defesa nacional, esteve presente o discurso de ódio para com as classes subalternas e minorias sociais. No entanto, é possível observar que já em 1994⁸ Olavo de Carvalho já chamava atenção para o projeto político do PT e disseminava suas ideias para a população brasileira. Ao falar sobre o Governo Lula, o autor entende que a proposta do PT não era:

mais apenas eleger o presidente, governar bem, submeter seu desempenho ao julgamento popular daqui a cinco anos, fazer História no ritmo lento e natural dos moinhos dos deuses: quer tomar o poder, fazer a Revolução, desmantelar os adversários, expelir da política para sempre os que poderiam derrotá-lo em eleições futuras (CARVALHO, 2014, p. 34).

Fundamentado nessa hipótese de que o Governo do PT pretendia e instaurava uma espécie de revolução socialista fundamentada na obra de Gramsci, o autor compreende que a revolução cultural foi a maneira mais adequada de o PT realizar

⁷ Ainda não há como afirmar cientificamente/empiricamente a influência das ideias de Olavo de Carvalho nos discursos e projetos de Jair Bolsonaro e de seus ministros. Mas, foi possível observar inicialmente por meio de entrevistas, discursos, notas oficiais e não oficiais, a presença do “Guru” na política brasileira/2018/2019. É possível encontrar alguns documentos no site do Planalto. <https://www.gov.br/planalto/pt-br>, acesso em 29/10/2019, às 23h.

⁸ Nova publicação em 2014; referência ano 2014.

o que se propunha, pois a revolução cultural “sem fazer tanto barulho, exerce há três décadas uma influência marcante no curso da vida política e cultural neste país.” (CARVALHO, 2014, p. 38).

Segundo Olavo de Carvalho (2014, p. 115), “o programa do PT é gramsciano”, mas não só, pois “todos os homens de esquerda neste país o fazem há uma década sem se dar conta”. Sendo assim, “o gramscismo domina a atmosfera por simples ausência de outras propostas e também por uma razão especial: atuando menos no campo ideológico expresso do que no da conquista do subconsciente” que “se propaga por mero contágio de modas e cacoetes mentais, de maneira que põe a seu serviço informal uma legião de pessoas que nunca ouviram falar em Antonio Gramsci”.

Gramsci, por mais que nunca tenha vindo ao Brasil e seja pouco conhecido entre os brasileiros, “desde o reino das sombras, dirige em segredo os acontecimentos nesta parte do mundo” e seus “trinta e três cadernos de notas” constituem hoje “para os fiéis remanescentes do comunismo brasileiro, a bíblia da estratégia revolucionária”. Gramsci seria então, “o estrategista da revolução psicológica que deve preceder e aplainar o caminho para o golpe de Estado” (CARVALHO, 2014, p. 83). O comunista, segundo Olavo de Carvalho:

concebeu uma dessas idéias engenhosas, que só ocorrem aos homens de ação quando a impossibilidade de agir os compele a meditações profundas: amestrar o povo para o socialismo *antes* de fazer a revolução. Fazer com que todos pensassem, sentissem e agissem *como* membros de um Estado comunista enquanto ainda vivendo num quadro externo comunista. Assim, quando viesse o comunismo, as resistências possíveis já estariam neutralizadas de antemão e todo mundo aceitaria o novo regime com a maior naturalidade (CARVALHO, 2014, p. 83).

A revolução cultural estaria ligada, portanto, com o projeto de Gramsci de “assalto ao poder e destruição do Estado” por meio de produzir a atividade intelectual em “propaganda” e “manipulação das consciências”. Dessa maneira, o comunista italiano seria um redutor da filosofia, da teoria e da política, pois, “sem usar o conhecimento humano” para “descrever o real”, Gramsci compreende “que a única finalidade dos nossos esforços culturais e científicos é expressar desejos coletivos”. A problemática para o autor, é que Gramsci não parte de “conceitos universais, nem juízos universais válidos”, mas “pode-se criar universais pela propaganda, fazendo todas as pessoas compartilharem das mesmas crenças, ou melhor, das mesmas ilusões” (CARVALHO, 2014, p. 83).

Contudo, dentre as principais formulações de Gramsci – desde sua trajetória inicial no movimento operário de Turim – é de que a classe operária e o campesinato criem sua própria história e criem elementos próprios para a construção de organização social, seja o Conselho ou o Partido revolucionário. A propaganda política não é um

dos fatores essenciais na obra de Gramsci, ainda menos àquela que fará com que os trabalhadores sejam “doutrinados”. O projeto de Gramsci está diretamente relacionado com a democracia operária, com uma nova forma de governo e de Estado, dirigido e articulado diretamente pelas necessidades das classes subalternas⁹. Mas, é dito que o

objetivo primeiro do gramscismo é muito amplo e geral em seu escopo: nada de política, nada de pregação revolucionária, apenas operar um giro de cento e oitenta graus na cosmovisão do senso comum, mudar os sentimentos morais, as reações de base e o senso das proporções, sem o confronto ideológico direto que só faria excitar prematuramente antagonismos indesejáveis (CARVALHO, 2014, p. 118).

Ao contrário das afirmações de Olavo de Carvalho, para Gramsci, o objetivo é que se desenvolva uma vontade ativa e operante nas classes subalternas, sendo necessário que “o moderno príncipe” possua “uma parte dedicada ao jacobinismo” e que seja capaz de “operar uma vontade coletiva que seja ao menos, em algum aspecto, criação *ex novo*, original”. Segundo Gramsci, é necessária a concretização de uma “vontade coletiva e da vontade política” em toda a massa, pois é “a vontade coletiva como consciência operosa da necessidade histórica, como protagonista” da história, que modifica a realidade (GRAMSCI, 1977, Q. 13, §01, p. 1559).

Para Olavo de Carvalho (2014, p. 86), as formulações de Gramsci não passam de um projeto que tem o Novo Príncipe constituído por “analgésicos” que seriam os intelectuais, “mesmo que suas ideias não fossem importantes”, “pois para Gramsci, a única importância de uma ideia reside no reforço que ela dá, ou tira, à marcha da revolução”. Para o autoproclamado filósofo, “Gramsci divide os intelectuais em dois tipos: “orgânicos” e “inorgânicos”. Os intelectuais tradicionais “são uns esquisitões que, baseados, e sem uma definida ideologia de classe, emitem ideias que, ignoradas pelas massas, não exercem qualquer influência no processo histórico”. Já os intelectuais orgânicos

são aqueles que, com ou sem vinculação formal a movimentos políticos, estão conscientes de sua posição de classe e não gastam uma palavra sequer que não seja para elaborar, esclarecer e defender sua ideologia de classe (CARVALHO, 2014, p. 86).

Dessa maneira,

Os intelectuais no sentido elástico são o verdadeiro exército da revolução gramsciana, incumbido de realizar a primeira e mais decisiva etapa da estratégia, que é a conquista da hegemonia, um processo longo, complexo e sutil de mutações psicológicas graduais e crescentes, que a tomada do poder apenas coroa como uma espécie de orgasmo político (CARVALHO, 2014, p. 87).

⁹ Ver DEL ROIO, **Gramsci e a Emancipação do Subalterno**. São Paulo: UNESP, 2018.

Os intelectuais são de grande necessidade para a construção do processo revolucionário, não apenas do Moderno Príncipe. De fato, “as classes dirigentes e os seus intelectuais são o inimigo a ser identificado. Contra eles devem ser criados uma nova cultura e um novo processo educativo” (DEL ROIO, 2018, p. 118). Para tanto, o espírito de cisão deve estar em contato direto com a intransigência e com a espontaneidade das massas no que diz respeito à construção de um novo projeto estatal. A ação espontânea das massas que formam inúmeros organismos, que podem ou não ser revolucionários, é o primeiro momento de desenvolvimento de consciência que se fortifica com a vontade coletiva e que é incapaz de elaborar um projeto revolucionário quando não está conectada a questão da intransigência, ao espírito de cisão e ação democrática dos trabalhadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise dos livros de Olavo de Carvalho¹⁰ (1999 e 2014) foi possível notar um projeto de nação a ser implantado, ou seja, uma reação típica da burguesia e da classe dominante contra qualquer movimento social, organização popular e governo que se contrapõe – mesmo que reformista e assistencialista – às necessidades da classe dominante e da burguesia brasileira. Isto pode ser aprofundado com a análise da história do movimento operário, tanto nacional, como internacional, pois a burguesia sempre se organiza no processo contrarrevolucionário e de contenção às lutas populares.

Os livros de Olavo de Carvalho formam uma trilogia com *A nova era e a revolução cultural* (1994), *O Jardim das Aflições* (1995) e *O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras* (1999). Segundo Carvalho (1999, p. 22), o primeiro livro “alarmá”, o segundo possui “precisa localização no conjunto da evolução das ideias no mundo” e, o terceiro, já que “levado por algum demônio oculto” é “o de situar a cultura de hoje no quadro maior da história do Ocidente”, pois “ninguém fez antes um esforço de pensar o Brasil nessa escala. Meus únicos antecessores parecem ter sido Darcy Ribeiro, Mário Vieira de Mello e Gilberto Freyre”. Segundo Olavo de Carvalho (1999, p. 29), a escrita de seu livro não foi feita apenas por patriotismo, pois “o intuito patriótico se converteu ou perverteu de vez em masoquismo assumido” precisamente quando “disse-me o anjo”:

Se queres mesmo, então vai, sela teu destino: torna-te colecionador de asneiras. Mas, por Deus!, que não seja em pura perda. Dá a essas tuas dores auto-infligidas uma utilidade e um sentido. Faze um livro, não para mostrar a Deus, que já sabe de antemão tudo o que te faz enxergar, mas para aqueles mesmos que não se enxergam

¹⁰ O livro *A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci* foi publicado pela primeira vez em 1994. Até 2014 o livro teve sete edições e foi modificado diversas vezes, principalmente nas notas de rodapé. A edição aqui utilizada é a mais recente, de 2014.

e por não se enxergarem se mostram, quando deviam ocultar-se. Faze o trabalho do espírito: mostra-os a si mesmos, para que os humilhe o que os lisonjeou um dia, e, tombando de quanto mais alto subiram, conheçam que humanos são. Junta teus papéis, compõe massuda escritura, se rude e tosca não vem ao caso, mas que não minta. E, para que não caias onde caíram aqueles de quem falas, toma tento: não te glories de ser a consciência de ninguém, pois o bem que acaso fizeres não será obra tua, e sim efeito da alquimia divina, que pode transmutar em bem até o vício de ler o que não presta (CARVALHO, 1999, p. 30).¹¹

Por fim, não em termos de conclusões ou de considerações finais, mas como questões a serem pensadas e estudadas, coloco a principal questão: qual a relevância teórica e ideológica de Olavo de Carvalho? Podemos compreender que teoricamente, foge aos nossos olhos, mas ideologicamente tem sido essencial para compreender os rumos do Brasil desde 2018, particularmente, nas afirmações e políticas de Jair Bolsonaro. É de grande importância, portanto, pensar não apenas o Brasil, mas como as categorias, conceitos e teorias da Ciência Política e da Teoria Política do Socialismo têm sido utilizados para difundir entre a população e por meio do medo e do terror e dificultar ainda mais a organização da classe trabalhadora.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, O. *O imbecil coletivo-atualidades inculturais brasileiras*. Faculdade da Cidade Editora. Sétima Edição, 1999.
- CARVALHO, O. *A nova era e a revolução cultural-Fritjof Capra e Antonio Gramsci*. Vide: 2014.
- COSTA, I. *Dialética do Marxismo Cultural*. 2019.
- COUTINHO, S. *A revolução gramscista no ocidente: a concepção revolucionária de Antonio Gramsci em os Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Estandarte, 2002.
- DEL ROIO, *Gramsci e a Emancipação do Subalterno*. São Paulo: UNESP, 2018.
- GRAMSCI, A. *Quaderni del Carcere. A cura di Valentino Gerratana*. Torino: Einaud, 1977.
- LOSURDO, D. *A luta de classes [recurso eletrônico]: uma história política e filosófica*. - 1. ed. São Paulo : Boitempo, 2015.
- MOTTA, R. P. S; QUEIROZ, S. R. R. de. *Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. 2000. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

¹¹ Escrito em maio de 1996 e republicado em 1999.